

Gênero e Sexualidade: Tabu, Controle dos Corpos e Sociedade

Gender and Sexuality: Taboo, Control of Bodies and Society

Adrian Jhonson

Faculdade Estácio de Ji-Paraná
Ji-Paraná/Ro- Brasil

Jonathan Eduardo Fontes Barbosa

Faculdade Estácio de Ji-Paraná
Ji-Paraná/Ro- Brasil

Vitória Marinho Almeida

Faculdade Estácio de Ji-Paraná
Ji-Paraná/Ro- Brasil

Kettelen Gabriely Marques da Silva

Faculdade Estácio de Ji-Paraná
Ji-Paraná/Ro- Brasil

Julio Sérgio Camargo

Faculdade Estácio de Ji-Paraná
Ji-Paraná/Ro- Brasil

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma revisão sistemática de literatura dos campos de conhecimento: Psicologia, Psicanálise, Sociologia, História e Biologia, com enfoque na temática de gênero e sexualidade, abordada desde sua contextualização histórica até debates da atualidade. Foi desenvolvido um percurso para situar como termos utilizados hoje foram constituídos, como estruturas sociais contemporâneas foram estabelecidas e também como se manifesta a sexualidade nos espaços de discussões sócio-políticos, levando em consideração a própria subjetividade de cada indivíduo.

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Social.

Abstract: The present work is the result of a systematic review of literature in the fields of knowledge: Psychology, Psychoanalysis, Sociology, History and Biology, focusing on the theme of gender and sexuality, covered from its historical contextualization to current debates. A path was developed to establish how terms used today were constituted, how contemporary social structures were established and also how sexuality manifests itself in socio-political discussion spaces, taking into account each individual's own subjectivity.

Keywords: Sexuality, Gender, Social.

Introdução

A sexualidade é uma dimensão intrínseca à vida humana, para além do gênero de um indivíduo, diz respeito a fatores sociais, biológicos, psíquicos e afetivos. É algo muito abrangente e complexo, daí o alcance a dimensões subjetivas, sujeitas ao conhecimento e preconceito enraizados (PORCHAT, 2020).

Abordar temáticas relacionadas a sexualidade é uma forma eficaz de trazer à tona assuntos ainda considerados tabus, mas se observados e discutidos, podem gerar um efeito benéfico para todos, portanto, a proposta de ampliar os conhecimentos sobre gênero e sexualidade é valioso para todos os indivíduos de uma sociedade, que inúmeras vezes não trata o assunto com a devida responsabilidade, desprezando fatos e apegando-se a “achismos”, dessa forma sustentando toda uma estrutura preconceituosa (FREIRE; CARDINALI, 2012).

A sexualidade na cultura se conecta a áreas jurídica, médica e teológica – e no Brasil o destaque está atrelado com o contexto religioso –, dessa maneira quando os posicionamentos não se coadunam taxa-se como pecado, imoral, perverso etc. As pessoas que não se enquadram nas diretrizes heteronormativas sexuais de produção são alvos de preconceitos e vivenciam uma série de sofrimentos, considerando a extrema pressão social e a ausência de autoestima e bem-estar pessoal.

De acordo com Ceccarelli; Andrade (2018), a sexualidade por ter tantas facetas deve ser algo singular, no sentido mais puro da palavra, sendo um valor de cada ser, um fim em si mesmo e para os indivíduos que têm vínculos com ele. Reforçando a ideia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) juntamente com a *World Association for Sexology* (WAS), declaram que sexualidade é um componente da personalidade de cada pessoa, sendo um aspecto do ser humano indissociável da vida, assim como uma necessidade básica. Dessa forma, é possível identificar sua influência nas interações sociais, tomada de decisões, emoções, sentimentos, pensamentos, logo a saúde física-mental-social (*World Association for Sexology*, 1999).

As implicações da sexualidade e das discussões de gênero avançam tanto que se tornam questões de saúde pública e de sustentação de uma educação segura e libertadora. As cobranças e normas sociais sexuais se dão a partir da imagem do sujeito, no entanto, resumir uma pessoa a sua aparência é cruel, até aqui, não incluindo a comunidade LGBTQIAPN+, porque mesmo as mulheres envolvidas e incluídas na norma binária de gênero sofrem com a violência física, moral e psicológica (sem grandes especificações), agora, com as outras identidades e mesmo orientações sexuais os dados são ainda piores (PIZA-DUARTE, *et al*, 2020).

É importante pensar sobre o tema, porque, geralmente ao iniciar um debate sobre gênero e/ou sexualidade a tendência é haver um direcionamento para o ato sexual propriamente dito ou mesmo ideais dogmáticos, causando danos e gerando sofrimento na vida de muitas pessoas, pois não se leva em consideração que tal aspecto é uma questão de saúde pública (SOARES; MENEGHEL, 2020).

Posto isso, para um direcionamento preciso para a elaboração do presente trabalho, foram elencadas as seguintes questões problemas: 1 - Como lidar com a complexidade e diversidade das experiências individuais em relação à sexualidade e ao gênero, evitando generalizações excessivas ou simplificações inadequadas? 2- Além de uma breve descrição de problemáticas, é possível oferecer uma abordagem com maior amplitude, estratégias para promover uma compreensão mais aberta e aceitação da diversidade de expressões de gênero e sexualidade na sociedade? 3 - De que maneira a *Queer Theory* e as considerações sobre gênero como uma construção cultural e social desafiam as noções tradicionais de masculino e feminino, proporcionando uma visão inclusiva e diversificada da identidade de gênero?

Para tanto, considerando os tabus que cercam o assunto, objetiva-se apresentar uma revisão brevemente genealógica de como os temas têm sido abordados socialmente e academicamente, assim como sintetizar alguns conceitos mais abordados pelos principais teóricos da área, seus desdobramentos e intersecções.

Metodologia

Dessa forma, com instigações sociais e provocações teóricas, o presente artigo é resultado de uma pesquisa e intensos debates acerca do tema. Assim, se trata de um trabalho de revisão bibliográfica, o qual se caracteriza como uma abordagem metodológica que visa sintetizar, analisar e discutir as principais contribuições presentes na literatura especializada referente ao presente tema, por conseguinte, a natureza intrínseca desse artigo reside na revisão crítica e na contextualização de trabalhos previamente publicados em periódicos científicos, livros e outras fontes acadêmicas relevantes.

O artigo é um estudo sobre gênero e sexualidade sob uma perspectiva sócio histórica, a partir de trabalhos teóricos, empíricos e experimentais. Sendo que as informações e conteúdos levantados são resultados de uma revisão de literatura na área da Psicologia, Psicanálise, Sociologia, História e Biologia. Utilizando as palavras ‘gênero’ e ‘sexualidade’ foram obtidos, no período de 2012 até 2021, 148 materiais, entre artigos, resumos bibliográficos e livros, encontrados nas plataformas Scielo e Oxford. Os livros e documentos de teóricos, assim como, documentos institucionais e/ou legislativos selecionados não estão dentro do período de publicação acima citado.

Dentre os 148 materiais encontrados, considerando como critério para a exclusão aqueles que não possuíam em comum as palavras chaves: sexualidade, cultura, identidade, gênero, atualidade, saúde e saúde mental, além de conteúdo complementar ligado a teóricos como Sigmund Freud, Michel Foucault, Judith Butler e Jacques Lacan, 30 materiais foram selecionados para leitura e pesquisa de forma direta, com a intenção de trazer à tona um assunto tão pertinente, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da temática gênero e sexualidade, com abordagem interdisciplinar somar às pesquisas já realizadas no campo acadêmico.

O artigo está dividido em dois pontos principais, os quais também são representados por seus eixos, sendo: (3) Resultados e discussões, seguindo de um subtítulo: (3.1) Contextualização histórica: Tabu e avanço dos conceitos – eixo de caráter genealógico e histórico; (4) A sexualidade e suas apresentações na atualidade, seguido de seus subtítulos: (4.1) Corpo: um ideal normativo e (4.2) Discussões de Gênero – eixo caracterizado pela apresentação de conceitos e temas específicos da contemporaneidade histórica. O artigo segue subdividido dessa maneira, pois atenta a abrangência das abordagens, diversificações de conceitos para diferentes campos e situação, quantidade de conteúdo disponível, esses pontos resumem e tratam os assuntos de forma que se contextualiza e se dimensiona a abrangência de cada inserção feita.

Contextualização Histórica: Tabu e avanços dos conceitos

O *homo sapiens*, a atual denominação evolutiva da espécie humana, trata-se do homem que sabe que sabe, ou seja, o sujeito tem consciência de seu próprio estado de consciência, baseado nesse suposto saber encontram-se os desejos singulares que moldam escolhas particulares de cada sujeito (SÁ, 2021). Tratando-se de tal subjetividade, de acordo com Freud (2016), é notável que o animal humano realizou uma separação da sexualidade perante seu aparelho biológico, dessa forma, a sexualidade agora tem um teor de prazer, indo além da esfera reprodutiva.

Desde a emergência do movimento psiquiátrico, o qual introduziu ideias moralistas e higienistas dentro das concepções sociais, médicas, educacionais e clínicas – foi estabelecida a discriminação, a partir de determinações que regulavam o homem/mulher em sua norma de comportamento e desenvolvimento sexual, dispendo, assim, o seria inadequado e ‘errado’, dessa forma, foi estipulado, de acordo com Maria Homem (2019), tal período como uma passagem da narrativa pré-moderna para moderna, onde a inserção da liberdade de expressão se tornou mais presente.

É pressuposto que a sexualidade é adjunta de diversas possibilidades, desde o biológico, questões subjetivas da psique humana, até mesmo suas propriedades intrínsecas, dessa maneira, a forma que o indivíduo e o meio se comunicam são fatores que vão ser notáveis na construção da sexualidade do sujeito. Porém, deve se levar em consideração, que a compressão do real, é subjetiva, portanto, a sexualidade é uma questão intrapessoal e interpessoal, por transitar nesses dois universos, mediante a própria interpretação se dá a sexualidade (CECCARELLI; ANDRADE, 2018).

Historicamente a sexualidade sempre esteve envolta em debates e discussões contraditórias e dominantes para a civilização em questão, desse modo, um ideal de comportamento, de uma forma ou de outra, se faz presente nos regimes régios teológicos, judiciários e médicos. A partir desses fatos, as sexualidades consideradas fora dos padrões ou mesmo desviantes (neste caso em específico a homossexualidade) eram “consideradas um pecado no campo da teologia; um crime no âmbito jurídico; uma doença e um desvio psicológico para a medicina” (FREIRE; CARDINALI, 2012).

Passando brevemente pelo campo teológico, observa-se como no Brasil, foi nomeada a homossexualidade (considerada pecado) pela primeira vez: Sodomia enquanto prática e sodomita enquanto praticante. O termo Sodomia/Sodomita surge de um contexto judaico-cristão, onde uma cidade chamada Sodoma era um “centro de depravação” e de práticas imorais, os sodomitas praticavam o que era chamado de “pecado nefando”, ou seja, aquele que não poderia sequer ser mencionado. O espanto e escandalização foi gerado porque a “prática sexual” desse grupo não serviria para a reprodução, ou seja, não gerava filhos.

Freire; Cardinali (2012) apresentam de maneira concisa como a homossexualidade (termo que surge somente no século XX) chegou no campo do direito e se tornou crime, traçando uma posição moral em que o caráter de uma pessoa era julgado perante a sociedade; sendo ele “correto” era digno de permanecer comumente na sociedade e exercer uma função (incluindo a reprodução); no entanto, se o caráter fosse julgado “incorreto” ou “desviante”, a pessoa era julgada como criminosa, podendo mesmo ser punida ou morta; mas, o espantoso é que essa posição de caráter era sempre julgada sobre crimes hediondos: homicídio, roubo, travestismo, sodomia (FREIRE; CARDINALI, 2012).

No percurso histórico dessa injunção crime-loucura das “sexualidades desviantes” Guimarães, *et al* (2018) e Ruas (2021), abordam a perspectiva de Lise Vogel a respeito da Teoria da Reprodução Social, a qual implica numa junção de controle social e poder sobre a vida, ou seja, os aparelhos e instituições que desempenham poder vão sempre intervir e tentar controlar os domínios da vida: sexo, trabalho, lazer, saúde e educação.

Foucault (2020) sugere sobre os dispositivos da sexualidade os sentidos que os mesmos podem apresentar junto a linha tênue de crime-loucura, que foi gradualmente passando dos âmbitos do direito e da teologia para a área médica, sendo patologizado como loucura, desvio, transtorno da personalidade, entre outros, seguindo o pensamento tradicional moralista-higienista do fim do século XIX.

Mediante essa contextualização, é importante observar que a sociedade manifesta desaprovação a algumas relações que julga desviantes, nesse contexto, manifesta-se, também, o que se convencionou chamar de preconceito é mutável, algo que a sociedade faz em benefício próprio. Em relações homossexuais para a grande massa social, há uma aversão a relação entre homens, no entanto, entre relações homossexuais de mulheres há certa objetificação, nesses casos pode ser observada uma suposta flexibilidade no preconceito por serem dois objetos de prazer para o gestor dessas regras, o macho. Trata-se de uma posição estrutural e uma forma de pensar, a qual geralmente é atribuída aos homens, no entanto, está para todas as pessoas (SANTOS; SCAPIN, 2015).

Outro detalhe muito interessante, é que a sexualidade por muito subjugada, encarada como algo nojento, criminalizada, castrada; quando se toma como referência o consumo de materiais pornográficos, em países como o Brasil, este é um dos maiores consumidores deste tipo de produto (LOBO, 2021). Assim, obviamente sendo a sexualidade elemento integrado ao ser humano, qual o motivo que se nega e reprime a sexualidade com tanta veemência?

A sexualidade e suas apresentações social na atualidade

A ideia de sexualidade não está necessariamente acoplada ao sexo propriamente dito (pênis, vagina e intercurso sexual), como recorrentemente é confundida, ela é uma característica geral experimentada por todo o ser humano, não diz respeito somente a genitálias.

Há diversas formas de se definir o que é sexualidade, dependendo da concepção individual de cada ser humano, sendo este um objeto de estudo e manifestação presente em todas as culturas. Freud (2016), concentra seus estudos não no que seria considerada a “sexualidade normal”, mas investiga sua base, questiona a ocasião de terem a sexualidade ausente se fazendo presente apenas na puberdade, coloca em pauta o fato da sexualidade se compor por impulsos parciais que vão além da reprodução, não tendo o prazer ligado diretamente aos órgãos genitais.

Na visão da psicanálise a sexualidade é uma estrutura singular. A forma de experimentação consciente e inconscientemente é o resultado de um longo processo identitário tendo como entrecho a dinâmica edípica referente a uma interpretação única que

conduz a vários resultados. Freud (2016) apresenta uma definição, ou como mencionado, uma descrição de como se dá/faz a sexualidade na vida humana.

O que descrevemos como o “caráter” de uma pessoa é construído em grande parte com o material de excitações sexuais, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de construções alcançadas por meio da sublimação, e de outras construções, empregadas para eficazmente conter os impulsos perversos que foram reconhecidos como inutilizáveis (FREUD, 2016).

Segundo Foucault (2020), os aparelhos de controle e as instituições que exercem poder o fazem sobre a vida da população sobre um pressuposto baseado em produção e reprodução (capital/monetário e biológico). Logo, na sociedade ocidental, atualmente as pessoas com sexualidades supostamente “desviantes” são postas de lado desse centro de controle e produção, já que as mesmas não são úteis para tais fins.

No entanto, quando as pessoas estão fora desse centro de produção e ainda pertencem a outro grupo considerado improdutivo, elas são ignoradas e esquecidas, essas pessoas são os idosos (SOARES; MENEGHEL, 2021).

Alguns estudos realizados no Reino Unido apresentam como é a situação das pessoas mais velhas quando o assunto é sexualidade. Marciano; Nimrod (2020), iniciam um estudo apresentando a problemática de adultos gays de idade avançada e a utilização da tecnologia, a qual se demonstra muito desfavorável a eles, muitas vezes por falta de auxílio e preconceito por sua sexualidade. Sem contar com a negligência aos adultos mais velhos, Brunson *et al* (2019) dialogam sobre a rejeição sentida e sofrida por essas pessoas, apresentando o quanto é prejudicial para sua saúde, tanto física, como mental e social. Levando em consideração que os mesmos ficam isolados e subjugados por um sistema social que não os considera como humanos, mas como mão de obra a serem descartadas. Uma situação que fica sempre à margem das discussões sociais e fora das pautas de políticas públicas.

Corpo: um ideal normativo

Corpo, para biologia é um organismo vivo, englobando suas funções fisiológicas. Para a física, um corpo é a coleção de massas tomadas uma a uma. Para os seres sociais que somos, o corpo é um meio de interação com outros corpos à sua volta; logo se tornou um objetivo deixar esse “apresentável”, tanto no aspecto estético, como higiênico.

Já há alguns anos a medicina, com a complacência do discurso social, vem propondo a ideia de uma outra maneira de apropriação do corpo. Este é apresentado como “dessexualizado”; um corpo ao qual deve-se compensar sua incompletude, ou seu “defeito”, com próteses ou técnicas de última geração apresentadas como soluções ideais capazes de suprimir o mal-estar individual (LINDENMEYER, 2015, p. 433).

Observa-se que é uma busca de esconder as falhas e traumas do indivíduo com uma busca de “mostrar-se bem”. Dessa forma, nesse modelo do que deve ser seguido socialmente, onde se tem recursos estéticos, filtros de *Instagram* e plásticas, fica muito mais fácil esconder marcas constitutivas, sendo que falar e reconhecer possíveis problemas é uma maneira de dar tratamento a tais questões, como explicitado por Freud (2016, p. 448): “por fim seus distúrbios foram removidos pela fala”.

Torna-se, assim, um ciclo em nossa sociedade, o fato de esconder das pessoas esconderem o “sujo”, o “ruim”, o “mau”; expondo e reconhecendo sempre o “limpo”, “belo”, o “bom”, como o ideal para busca e construção do “corpo perfeito”. No entanto, em contraponto ao que é legitimado como modelo a ser seguido, Lindenmeyer (2015), assegura mesmo que seja conflituoso o processo de autodescoberta, é umas das melhores maneiras de ultrapassar mitos e buscas de aceitação social a partir de determinado enquadramento.

Corpo perfeito, perfeito para qual óptica? Estética ou saúde? O corpo perfeito que buscam na atualidade é com toda certeza uma busca por estética, mas ter um corpo que é visto como perfeito hoje, muitas vezes não é um sinônimo de saúde. Um corpo perfeito é aquele que tem energia e disposição para executar todas as funções para manter a sobrevivência do indivíduo; com relação a estética, o corpo não deveria ser padronizado, pois, isso é uma influência do capitalismo que visa o lucro.

De acordo com o dicionário define-se “beleza” como “característica, particularidade, caráter ou atributo do que é belo; expressão própria de belo; boniteza, encanto ou lindeza” (DICIO, 2020). Portanto a beleza é subjetiva, particular, esses eventos de influência de padronização são uma forma cruel de controle social.

Conforme estudos recentes nota-se que a cor/raça da pessoa também implica em posições de direitos frente a sexualidade. Essa problemática fica evidente quando se vislumbra as distinções entre os movimentos feministas: branco e negro nos Estados Unidos da América, depois dos anos de 1960, porque enquanto o movimento feminista branco era caracterizado por lutar pela liberdade de escolher ou não abortar, trabalhar e outros termos de direito e igualdade sociais, por outro lado, o movimento da mulheres negras reivindicava o direito de poder ter filhos ou mesmo possuir os mesmos direitos que as mulheres brancas, pois a comunidade negra era marginalizada e estava constantemente a mercê do racismo e preconceitos (TRÓI, 2021).

De acordo com Aires (2021), essa realidade se acentua ainda mais no Brasil e em toda América Latina, sendo nítido quando uma educação mínima não é acessível a todas as pessoas havendo uma divisão devido os poderes aquisitivos das famílias. Já, sobre a população negra e indígena, a qual, é marginalizada e subjugada socialmente, mesmo sendo maioria (maioria

minorizada) e marcando uma aceitação maior de uma sexualidade considerada dispare entre uma suposta elite branca. Tudo isso evidencia o quanto as políticas e valores sociais são regidos pela estética corporal (PIZA-DUARTE, *et al*, 2020).

Discussões de Gênero

Na língua portuguesa se estabelecem dois gêneros o masculino (indicado pelo artigo definido “o”) e o feminino (indicado pelo artigo definido “a”) e nos últimos anos surge a proposta da criação de um gênero (gramatical) neutro para a língua portuguesa, seguindo uma ação pioneira da Suécia, a qual adicionou um pronome neutro por instituição de autoridade. Dentre outras línguas espalhadas pelo mundo tem-se o Alemão que utiliza três pronomes diferentes para indicar o gênero: *Das* (neutro), *Der* (masculino) e *Die* (feminino).

No entanto, quando se inicia o jogo para estudos e debates sobre Gênero, há uma clara implicação para além da gramática de uma língua, pois o gênero foge dos pronomes e artigos das normas linguísticas e atinge contextos sociais, raciais, culturais, históricos, biológicos e psicológicos, de todos os modos alveja a sociedade e seus membros (MUSZKAT, 2020).

Após analisar algumas perspectivas das Teorias *Queer*, foi possível notar que a identidade e a percepção da identidade de gênero de uma pessoa, passou a possuir uma abertura e maior liberdade, fugindo das classificações. De acordo com Oliveira (2021), a identidade de gênero é social em sua constituição, é singular para cada indivíduo, sendo inviável e inadequado definir gênero apenas pela norma estética macho-fêmea.

Sendo assim, considerando uma perspectiva da parentalidade e sexualidade, o gênero é considerado como um papel social, que Quinet (2020) define, sob a escola lacaniana, como semblante, ou seja, um parecer, algo que não se mistura com o ser. Posto isso, cabe ressaltar que toda ação de tentar classificar, dividir, rotular ou categorizar o gênero de alguém é uma ação arbitrária. Segundo Quinet (2020), quando se trata dos gêneros dos seres humanos, o que se deve ter claro é que eles não são da ordem natural, todavia são produtos da cultura. Ainda com o fundamento lacaniano, Quinet (2019, p. 424) afirma que “o gênero é da ordem do semblante - do parecer, do atuar, performar” e que a parentalidade nada tem que ver com o gênero, ou seja, independe do pai e da mãe.

Destarte, “O Homem” e “A Mulher” são significantes que cada sujeito se identifica e conforme cada cultura/sociedade tais significantes ganham/recebem significados, os quais são apropriados pelos seus membros, que se identificam (modos de vestir, forma de agir ou falar, como pensar, o ‘ser’ homem ou mulher). Então, a identidade de gênero abarca aspectos psicológicos comportamentais de cada sujeito, relacionados à masculinidade ou feminilidade e suas noções e construções sociais e, não é absolutamente inato, como indica o compêndio

de psiquiatria (SADOCK; KAPLAN, 2007). E o gênero não dita a posição subjetiva do sujeito ou mesmo sua escolha de objeto.

Em seu livro *Problemas de Gênero*, Judith Butler (2003), faz uma crítica dizendo que o gênero não pode ser dado apenas como uma “inscrição cultural” e designado apenas pelo sexo biológico - XY e XX (essa janela da biologia abre para entrada de novas discussões, pois há homens e mulheres com os cromossomos sexuais que fogem da binariedade XX e XY, sem levar em conta muitos outros aspectos). É claro que cada sociedade irá organizar os papéis para os sexos seguido por seu gênero ‘equivalente’, logo, a performidade para a suposta mulher e o suposto homem, mas o sujeito do inconsciente se opõe à cultura, muitas vezes (BUTLER, 2003).

Portanto, é preciso dizer que os gêneros binários (masculino e feminino) não são os únicos que podem ser legitimados e, uma vez que são ferramentas normativas de controle, mas que há a possibilidade de existir outros gêneros (agênero, andrógeno, não-binário, de fronteira, enfim). Por essa razão, promover a singularidade nas/das expressões sexuais, corporais e afetivas de cada ser é necessário para se construir uma cultura “menos asfíxiante e mais libertária” (QUINET, 2020).

Considerações Finais

Levando em consideração os aspectos levantados e a representatividade da sexualidade na construção social, coloca-se em pauta o que é o corpo, afeto, desejo, sexual, gozo e tudo aquilo que se alinha ao tabu sexual. A mesma sexualidade discutida, abrange um discurso cultural e moral que tenta vistoriar a individualidade e particularidade sexual.

Dessa forma, é relevante destacar a importância individual da perspectiva de cada ser sobre esse contexto. Assim, dando lugar a fala de cada um com o intuito de mensurar uma parcela da representatividade. Dessa forma, é possível verificar que o debate, a discussão, a importância do tema para a contemporaneidade é essencial, como marca de construção deste tempo.

Assim, chegou-se a reflexões e provocações que questionam a normatização da sexualidade, pois a mesma, é tratada ainda a partir de argumentos moralistas, violentos e excludentes com a finalidade de controle a partir de uma ordem capitalista/patriarcal. É necessário então garantir uma cultura libertária e acolhedora, saudável, que possibilite uma educação sem repressões que ponha fim às inúmeras ignorâncias.

Posto isso, a visibilidade científica do tema Gênero e Sexualidade, as problemáticas que o cercam e suas implicações, tanto na vida pessoal de uma pessoa, quanto no plano social,

político, acadêmico e educacional contribui de modo exemplar para ampliação do debate a esse respeito e desconstrução de preconceitos arraigados historicamente.

Assim sendo, as informações aqui trazidas abrem possibilidades de reflexão, provocam arguições, fornecem oportunidade para novas discussões relevantes para toda a sociedade.

Referências

AIRES, Diogo Cavazotti. Educación sexual: un derecho humano. leyes vigentes en Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay. **Revista de La Facultad de Derecho**, [S.L.], v. 50, n. 1, p. 1-23, 1 jun. 2021. Revista de la Facultad de Derecho. <http://dx.doi.org/10.22187/rfd2021n50a16>.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/beleza/>>. Acesso em: 01/09/2021.

BRUNSON, Kirenia; MOREHOUSE, Sarah Nanami; STRIPLING, Ashely M. REJECTION SENSITIVITY AS A MEDIATOR OF PERCEIVED SOCIAL ACCEPTANCE OF LGBTQ OLDER ADULTS. **Innovation In Aging**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 302-302, nov. 2019. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geroni/igz038.1107>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.

CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 229-250, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p229.2>.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Paz e Terra, 2020. 175 p. Coleção Biblioteca de Filosofia. Título original - Histoire de la Sexualité I: La Volonté de savoir - 1976. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

FREIRE, Lucas; CARDINALI, Daniel. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 12, p. 37-63, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-64872012000600003>

FREUD, Sigmund (1893-1895). **Obras completas: volume 2: estudos sobre a histeria**. [S.I.]: Companhia das Letras, 2016. 448 p.

_____ (1901-1905). **Obras completas: volume 6:** três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. [S.I.]: Companhia das Letras, 2016. 408 p.

GUIMARÃES, Willian; PAULON, Simone Mainieri; NARDI, Henrique Caetano. Expressões da sexualidade e de gênero na injunção crime-loucura: engendramentos moralizantes no tratamento do paciente judiciário. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 34, n. 8, p. 1-11, 20 ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00180317>.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?** uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. 3. ed. [S.I.]: Papirus 7 Mares, 2019. 128 p.

KAPLAN, Benjamin J. e SADOCK, Virginia A. (Org.). **Compêndio de Psiquiatria:** ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 11. ed. Porto Alegre - RS - Brasil: Artmed, 2016. 1490 p. Psiquiatria, Serviços de saúde mental, Clínica e/ou medicina interna.

LINDENMEYER, Cristina. O corpo entre sintoma e cultura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 431-444, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n3p431.2>.

LOBO, Natasha Alpizar. Compreender a pornografia como um processo relacional através da transformação de quem investiga. **Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía**, Montevideo, v. 16, n. 1, p. 99-113, jun. 2021. Semestral.

MARCIANO, Avi; NIMROD, Galit. Identity Collision: older gay men using technology. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 22-37, 10 dez. 2020. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/jcmc/zmaa016>.

MUSZKAT, Susana. Violência de gênero. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (Org.). **Gênero**. Belo Horizonte, MG - Brasil: Autêntica, 2020. 134 p. (Parentalidade e Psicanálise).

OLIVEIRA, Kris Herik de. Intensos encontros: michel foucault, judith butler, paul b. preciado e a teoria queer. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-16, jan. 2021. Trimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167637>.

PIZA-DUARTE, Evandro; SANTOS-PEREIRA, Gabriel; COSTA, Gustavo; OLIVEIRA, J. C.; ARARUNA, Maria Léo. Corpolítica: coletiva e projeto de extensão lgbt. extensão popular e guerrilha estético-política de vivências lgbt. **Revista Cs**, [S.I.], v. 32, n. 1, p. 163-189, out. 2020. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/recs/n32/2011-0324-recs-32-163.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

PORCHAT, Patrícia. **Transmitindo Questões de gênero**. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (org.). **Gênero**. Belo Horizonte, MG - Brasil: Autêntica, 2020. 134 p. (Parentalidade e Psicanálise).

QUINET, Antonio. **Entre o Inconsciente e a Cultura: O sujeito**. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (org.). *Gênero*. Belo Horizonte, MG - Brasil: Autêntica, 2020. 134 p. (Parentalidade e Psicanálise).

QUINET, Antonio. **O Inconsciente Teatral**. Rio de Janeiro: Atos e Divãs edições, 2019. 424 p.

RUAS, Rhaysa. Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. **Revista Direito e Práxis**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 379-415, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2020/46086>.

SÁ, Carlos Alberto Morais de. O universo, a vida, a sociedade e a sexualidade humana. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 157-163, 3 fev. 2021. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. <http://dx.doi.org/10.35919/rbsh.v7i2.955>.

SANTOS, Meury Darlling dos; SCAPIN, André Luís. ASSOCIAÇÃO ENTRE PERVERSÃO E PEDOFILIA SEGUNDO A PSICANÁLISE FREUD: lacaniana. **Revista Uningá Review**, Pr, v. 23, n. 3, p. 70-74, 10 jul. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Documents/Gênero/Divers%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SOARES, Konrad Gutterres; MENEGHEL, Stela Nazareth. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 129-136, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020261.30772020>.

TRÓI, Marcelo de. Rastros de 1968 nos ativismos das dissidências sexuais e de gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-17, jan. 2021. Quadrimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n162773>.

WAS. Declaração dos Direitos Sexuais. In: XIII CONGRESSO MUNDIAL DE SEXOLOGIA, 13., 1999, China. **Declaração dos Direitos Sexuais**. Hong Kong - China: Was, 1999. p. 1-2.

SOBRE OS AUTORES

Adrian Jhonson

Acadêmico do Curso de bacharelado em psicologia na Faculdade Estácio de Ji-Paraná, Coordenador o Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Gênero e Sexualidade de Ji-Paraná, Orientando do programa de pesquisa e intercâmbio da Universidade Humboldt de Berlin, Sobre Teoria Queer. Psicanalista em formação contínua como participante do Laço Analítico Escola de Psicanálise núcleo Cacoal - Rondônia (Brasil). Além de escritor, tendo participado de algumas antologias e curadorias, também atua como Contador de Histórias, Músico Instrumentista e Ator.

E-mail: jhonsonadrian999@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7426-7440>

Jonathan Eduardo Fontes Barbosa

Acadêmico do Curso de bacharelado em psicologia na Faculdade Estácio de Ji-Paraná, membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Gênero e Sexualidade de Ji-Paraná.

E-mail: jonathanhiider@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8479-0956>

Vitória Marinho Almeida

Acadêmica do Curso de bacharelado em psicologia na Faculdade Estácio de Ji-Paraná, membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Gênero e Sexualidade de Ji-Paraná.

E-mail: vitoria.marinhoalmeida6@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2126-7671>

Ketellen Gabriely Marques da Silva

Acadêmica do Curso de bacharelado em psicologia na Faculdade Estácio de Ji-Paraná, membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Gênero e Sexualidade de Ji-Paraná.

E-mail: ketellenmarques17@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9379-0325>

Júlio Sérgio Camargo

Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFGPA), mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (PPGPSI-UNIR). Graduado em pedagogia e Gestão Pública. Orientador escolar na Secretaria Municipal de Educação de Ji-Paraná-RO. Docente universitário no Centro Universitário Estácio de Ji-Paraná-RO. Especialista em Orientação e supervisão escolar, faculdade UNINA e especialista em Psicologia educacional e Gestão em Educação a Distância, ambas pela Uniasselvi.

E-mail: j.s.camargo@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8957-980X>

Recebido: 13/08/2023

Aprovado: 27/10/2023